Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Era dia de São Benedito

No alto do morro, a igreja de São Benedito, palco de uma das mais antigas e tradicionais celebrações religiosas da história serrana | *Arquivo de Nestor Leme*

Amanhece o dia 6 de janeiro do vigésimo sexto ano do terceiro milênio. Nesta data a Igreja Católica comemora a Epifania, ou seja, a chegada dos Reis Magos para reverenciarem o nascimento do menino Jesus. Aqui em Serra Negra, além dessas comemorações, por décadas, devotos de São Benedito celebraram grandes festas em honra a Santa Efigênia e a São Benedito na igreja do alto do morro. Duas das festas religiosas mais antigas da história serrana.

Estou acordado, esperando a hora de levantar, e, nesse tempo de espera, recordações das antigas festas de São Benedito teimam em voltar às minhas lembranças. Especialmente ouvir as badaladas dos sinos da igreja, saudando essas festas; também espero ouvir os acordes da Banda Lira, que toca às seis da manhã, tocando dobrados na alvorada, acompanhada pelo espocar da salva de rojões, convidando o povo para a festa. Espero em vão. A festa de São Benedito, do dia 6 de janeiro, de tantas lembranças, não existe mais.

A tristeza bate fundo no peito, enquanto outras lembranças continuam voltando à minha mente. Então, lá estou eu, de calças curtas, correndo pelos cafezais que existiam nos terrenos próximos da igreja, junto de amigos saudosos, à procura das varetas dos rojões disparados — coisas da criançada daquele tempo. Depois disso, já estou ao lado da igreja, assistindo aos batuques da congada, que ficava horas cantando músicas com letras em homenagem aos santos festejados, num entrechocar das espadas de madeira, sob os olhares de centenas de devotos.

O dia é só de alegria e, à tarde, sai a procissão com os andores das santas imagens, acompanhadas de milhares de devotos, percorrendo as ruas principais da cidade. Findada a procissão, começava o leilão de prendas e, terminando a festa, acontecia a esperada queima dos fogos de artifício. Assim, terminava mais uma festa de São Benedito do nosso século, povoando essas lembranças, volto para a manhã de um dia 6 de janeiro, de um ano perdido na fumaça dos tempos, quando eu, dormindo na casa dos primos Lourdes e Irineu Schiavo, ouço o barulho do Irineu na cozinha, preparando o café da manhã. Após tomar o desjejum, ele pegava o estojo com seu clarinete e saía para tocar com a Banda Lira, na alvorada da festa de São Benedito.

Terminada a alvorada, ele voltava à sua casa, mudava de roupa, chamava seu irmão Tonico e os dois iam ao cafezal do sítio, de onde retornavam carregando um enorme cacho de bananas-nanicas, que, depois de contadas uma a uma as pencas, constatou-se serem trezentas e seis bananas, ou seja, exatamente vinte e cinco dúzias e meia de frutos.

Logo em seguida, Tonico aparecia com uma vara curta de bambu e, com um pedaço de corda, pendurava aquele cacho na vara. Com tudo ajeitado, os dois colocavam o bambu com o cacho de bananas nas costas e rumavam para a igreja do alto do morro, levando as bananas como prenda para o leilão da festa do santo. Eu os acompanhei na longa caminhada, na qual paramos várias vezes, pois as pessoas curiosas que encontrávamos nos paravam para admirar o tamanho da prenda que os Schiavos carregavam rumo ao leilão de São Benedito.

Ao pé do Morro do Hospital – assim era chamada a Avenida Santos Pinto naquele tempo – demos uma parada para que os dois tomassem fôlego antes de subirmos o morro. Na sua penitência, chegaram extenuados ao leilão, mas alegres pelo esforço de seu feito. Hoje, lembrando da história daqueles dois, tive o seguinte pensamento: será que ainda existe alguém com fé e coragem de fazer todo aquele sacrifício, só para levar uma prenda ao leilão da festa do santo, caso este leilão ainda existisse?

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

Discrição ou exposição?

O mundo mudou demais. Em tempos antigos, a discrição era a regra principal, e as pessoas viviam suas vidas tranquilamente, sempre mais interessadas no núcleo da própria família. As famílias conversavam, dividiam seus problemas, suas alegrias e seus sofrimentos à mesa da cozinha, numa intimidade quase sagrada. As emoções e os fatos ficavam guardados nos corações ou, quando muito, escritos em um diário, escondidos a sete chaves. Ninguém precisava contar aos vizinhos as coisas que fazia; só contavam se fossem amigos queridos, daqueles que se encontram sempre.

Com o advento da internet, muita coisa começou a mudar. Ela veio tímida, com meios de comunicação mais fáceis para recados; depois vieram as fotos e, em curto tempo, alçou voo, e as redes sociais começaram a ganhar vida. No começo, algumas eram fechadas e elitistas, e só entravam convidados, mas logo foram se abrindo e, hoje, grande parte da população do planeta Terra participa de redes sociais.

Essas mesmas redes despertaram no ser humano uma necessidade de se mostrar. Alguns já pegam o celular pela manhã e postam: "Bom dia". Outros mostram suas viagens, e outros ainda só publicam quando estão tristes ou contentes. Tudo hoje exige plateia. A felicidade, que bastava ser sentida, passou a ser publicada. O almoço deixou de ser apenas almoço e virou "conteúdo". A viagem deixou de ser descanso e virou "story". Até a dor, muitas vezes, pede curtidas, como se fossem curativos emocionais.

É triste pensar que o ser humano não se basta, ele precisa da aprovação e do reconhecimento do mundo, como se precisasse ser validado o tempo todo. Antes, bastava o olhar de quem estava com você; hoje, precisa de milhares de olhos digitais. A curtida virou o novo aceno de cabeça, o comentário substituiu o abraço, e o número de seguidores virou uma espécie de termômetro invisível do valor pessoal.

Essas vitrines em que vivemos hoje, nas quais se exibem muitas vezes não quem realmente são, mas uma versão sempre editada, estão aí para quem quiser ver. Muitos são verdadeiros, mas encontramos também muitos perfis falsos, com fotos manipuladas ou maquiadas para receber a aprovação dos internautas.

Tudo virou negócio. Pessoas comuns se tornaram criadores de conteúdo, "influencers" divulgando produtos, ideias e estilos de vida. Muitos postam até mesmo suas intimidades, com sorrisos rendendo curtidas e visualizações. Nessa necessidade de ser visto, ouvido e lembrado, as pessoas nos mostram que, no fundo, tudo o que precisam é de um pouco de atenção.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A fonte, o cinema e o "futuro" que chegou: 2026!

Tempos Modernos em Metrópolis | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Você sabia que ao lado da Fontana de Trevi havia um cinema? Mas, calma! Antes que você me pergunte: "Na Fontana daqui ou na da Itália?", eu respondo: Nas duas! Pois é! A história adora uma rima poética. Tanto na Cidade Eterna quanto na nossa "Cidade das Águas", os cinemas vizinhos às fontes não resistiram à concorrência das grandes redes e fecharam as portas.

Ambos foram demolidos para dar lugar ao novo. Só que, em Roma, a picareta do operário bateu em algo mais que concreto: as escavações no antigo cinema revelaram o Vicus Caprarius, a "Cidade da Água".

Lá, no subterrâneo, descobriram as reservas de uma das fontes, moradias de nobres romanos e até uma hospedaria do tempo de Marco Agripa. Hoje, o local é um sítio arqueológico fascinante e, vejam só, conseguiram até reabrir um cinema por lá! Já aqui em Serra Negra, no nosso querido Cine Cardeal, creio que as escavações não vão encontrar nenhuma relíquia do Império Romano. O acordo judicial para a revitalização do local prevê um anfiteatro e estacionamento, mas, infelizmente, não há promessa de o cinema voltar para casa.

Bom, meus caros serranos amantes da Sétima Arte, não fiquem órfãos! A alternativa que temos (e gratuita, por sinal) é a parceria do Museu ReArte com o Museu da Imagem e do Som de SP, o Pontos MIS. E para abrir janeiro, escolhemos dois filmes que parecem ter sido escritos ontem, embora tenham quase um século.

O primeiro é "Metrópolis" (1927), de Fritz Lang. O filme projeta uma sociedade futurista onde a tecnologia é onipresente, mas a desigualdade é brutal: a elite vive nos jardins suspensos e os operários, robotizados, moram no subsolo. E aqui vem o "pulo do gato": sabe em que ano se passa o futuro distante e sombrio de Lang? No longínquo ano de 2026! Sim, o futuro do filme é o nosso agora. Olhando para as telas de nossos celulares enquanto a "desumanização" corre solta, fica a dúvida: será que Lang acertou em cheio ou quase?

Isso é um sinal dos tempos... dos "Tempos Modernos" (1936)! O clássico de Charles Chaplin também estará em cartaz na ReArte. Chaplin satiriza a mesma industrialização, mostrando o homem como uma peça de engrenagem. É impossível não rir (e chorar) com a cena dele sendo engolido pelas máquinas - uma analogia perfeita à "Máquina Moloch" de Metrópolis.

Seja no subsolo de Roma ou no Ponto de Cultura ReArte, o cinema nos lembra que, entre o "Cérebro" (a tecnologia) e as "Mãos" (o trabalho), o mediador deve ser sempre o Coração. Venham conferir se o futuro de 1927 combina com o seu 2026. A entrada é franca, e a reflexão é por nossa conta!

104.5 fm SERRA NEGRA

Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!

Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra

www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI

Serralheria Menegatti Ltda.

Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.

Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291

serralheriamenegatti@gmail.com

Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

A fonte, o cinema e o "futuro" que chegou: 2026!

Tempos Modernos em Metrópolis | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Você sabia que ao lado da Fontana de Trevi havia um cinema? Mas, calma! Antes que você me pergunte: "Na Fontana daqui ou na da Itália?", eu respondo: Nas duas! Pois é! A história adora uma rima poética. Tanto na Cidade Eterna quanto na nossa "Cidade das Águas", os cinemas vizinhos às fontes não resistiram à concorrência das grandes redes e fecharam as portas.

Ambos foram demolidos para dar lugar ao novo. Só que, em Roma, a picareta do operário bateu em algo mais que concreto: as escavações no antigo cinema revelaram o Vicus Caprarius, a "Cidade da Água".

Lá, no subterrâneo, descobriram as reservas de uma das fontes, moradias de nobres romanos e até uma hospedaria do tempo de Marco Agripa. Hoje, o local é um sítio arqueológico fascinante e, vejam só, conseguiram até reabrir um cinema por lá! Já aqui em Serra Negra, no nosso querido Cine Cardeal, creio que as escavações não vão encontrar nenhuma relíquia do Império Romano. O acordo judicial para a revitalização do local prevê um anfiteatro e estacionamento, mas, infelizmente, não há promessa de o cinema voltar para casa.

Bom, meus caros serranos amantes da Sétima Arte, não fiquem órfãos! A alternativa que temos (e gratuita, por sinal) é a parceria do Museu ReArte com o Museu da Imagem e do Som de SP, o Pontos MIS. E para abrir janeiro, escolhemos dois filmes que parecem ter sido escritos ontem, embora tenham quase um século.

O primeiro é "Metrópolis" (1927), de Fritz Lang. O filme projeta uma sociedade futurista onde a tecnologia é onipresente, mas a desigualdade é brutal: a elite vive nos jardins suspensos e os operários, robotizados, moram no subsolo. E aqui vem o "pulo do gato": sabe em que ano se passa o futuro distante e sombrio de Lang? No longínquo ano de 2026! Sim, o futuro do filme é o nosso agora. Olhando para as telas de nossos celulares enquanto a "desumanização" corre solta, fica a dúvida: será que Lang acertou em cheio ou quase?

Isso é um sinal dos tempos... dos "Tempos Modernos" (1936)! O clássico de Charles Chaplin também estará em cartaz na ReArte. Chaplin satiriza a mesma industrialização, mostrando o homem como uma peça de engrenagem. É impossível não rir (e chorar) com a cena dele sendo engolido pelas máquinas - uma analogia perfeita à "Máquina Moloch" de Metrópolis.

Seja no subsolo de Roma ou no Ponto de Cultura ReArte, o cinema nos lembra que, entre o "Cérebro" (a tecnologia) e as "Mãos" (o trabalho), o mediador deve ser sempre o Coração. Venham conferir se o futuro de 1927 combina com o seu 2026. A entrada é franca, e a reflexão é por nossa conta!